

“Actually, my name is Marina”: os conflitos de autenticidade nas faixas *Are You Satisfied?*, *Hollywood* e *Oh No!*, do álbum *The Family Jewels* (2010)¹

Vitória Brunini Simões Padula²

Nísio Teixeira³

Josué Gomes⁴

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Resumo

Este artigo analisa os conflitos de autenticidade no disco de estreia da cantora Marina Diamandis, *The Family Jewels* (2010), através das faixas *Are You Satisfied?*, *Hollywood* e *Oh No!*. Por meio das canções, buscamos entender como a construção de imagem de si mesma como uma artista autêntica afeta o seu trabalho musical e a sua construção identitária na música pop. Para isso, utilizamos como base teórico-metodológica os conceitos de “pop” (como cultura e como gênero musical) e “autenticidade”. Na análise, concluímos que, em *The Family Jewels* (2010), temos uma cantora que tenta se rebelar das amarras criadas pela indústria da música pop. Ao mesmo tempo, é na indústria da música pop que Marina é aceita e constroi toda a sua narrativa de autenticidade. Esse conflito traz implicações diretas, que mostram o impacto do paradoxo vivido por Marina e inúmeras outras cantoras pop.

Palavras-chave: autenticidade; música pop; diva pop; Marina and the Diamonds; *The Family Jewels*.

Introdução

Marina Lambrini Diamandis é uma cantora, compositora, escritora e produtora de origem galesa e ascendência grega. Começou a compor canções aos 15 anos e, aos 18, se mudou para Londres para tentar a carreira musical. Durante cinco anos, a artista enfrentou dificuldades para inserir-se na indústria musical, com inúmeras audições fracassadas e negativas de gravadoras. Nessa época, a cantora cria seu antigo e mais conhecido nome artístico: *Marina and the Diamonds*. Além de fazer alusão ao seu sobrenome grego, *Diamandis*, a identidade artística também faz referência aos fãs da

¹ Trabalho apresentado na IJ04 – Audiovisual e Mídias Sonoras, da Intercom Júnior – 19ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Recém-graduada em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: contatovitoria brunini@gmail.com. Trabalho derivado de TCC apresentado sobre a artista para o qual autora e co-autores agradecem as valiosas contribuições da banca formada por Mariana Lins e William David Vieira.

³ Professor do Departamento de Comunicação Social da UFMG, orientador do trabalho, integrante do grupo de pesquisa Escutas. E-mail: nisiotei@ufmg.br

⁴ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG, co-orientador do trabalho. E-mail: josuevictordossantos@gmail.com

cantora. Em 2014, a cantora abandonou o nome artístico e, desde então, se apresenta com o monônimo Marina: “[...] [com o *and the Diamonds*] muito da minha identidade estava ligada a quem eu era como artista, e não restava muito de quem *eu* era [tradução nossa, grifo do autor]”⁵. Atualmente, a discografia da cantora reúne seis álbuns, sendo eles: *The Family Jewels* (2010), *Electra Heart* (2012), *Froot* (2015), *Love + Fear* (2019), *Ancient Dreams in a Modern Land* (2021) e *Princess of Power* (2025).

O trabalho artístico de Marina está dentro do que entendemos como música pop, um gênero musical preenchido por elementos textuais, sociológicos e ideológicos (Janotti Júnior e Soares, 2008, p. 98). Criado pela crítica cultural inglesa na década de 1950, o termo “música pop” surge para definir - e, de certa forma, desqualificar - o aparecimento de produtos musicais e audiovisuais voltados ao público juvenil emergente - como o *rock and roll*, as séries de TV e os filmes voltados aos adolescentes. Amplificada a partir da década de 1960, principalmente por meio da *disco music*, a música pop passa a ser considerada efêmera, comercial e acessível. Diante disso, desde sua criação, a música pop acaba sendo atrelada às discussões sobre autenticidade.

Desde sua estreia na indústria fonográfica através do disco *The Family Jewels* (2010), Marina traz reflexões sobre sua busca em “ser e permanecer autêntica” na música pop e como cantora pop - seja por meio das ações tomadas pela artista ou através dos produtos culturais criados por ela. Logo, nosso problema de pesquisa busca refletir sobre os ideais de autenticidade evocados pela cantora através de seu álbum de estreia, *The Family Jewels* (2010) - através da análise das canções *Are You Satisfied?*, *Hollywood* e *Oh No!*.

***The Family Jewels* (2010)**

O primeiro álbum de estúdio de Marina, *The Family Jewels*, foi lançado em 15 de fevereiro de 2010. O disco alcançou o quinto lugar no *UK Albums Charts*, uma das mais importantes paradas musicais do Reino Unido. Vendendo mais de 27.618 cópias em sua primeira semana, *The Family Jewels* ficou 33 semanas no Top 100 de álbuns do Reino Unido e recebeu certificados de prata e ouro em fevereiro e maio de 2010,

⁵ GREENWOOD, Douglas. My name is Marina. DAZED, Reino Unido, 31 de janeiro de 2019. Disponível em: <<https://www.dazeddigital.com/music/article/43131/1/marina-and-the-diamonds-name-change-new-music-interview>>. Acesso em: 11 de junho de 2025.

respectivamente, pela *British Phonographic Industry* (BPI). Em março de 2010, o disco foi lançado nos Estados Unidos da América (EUA) e alcançou o número 138 na Billboard 200 - a principal lista de vendas e streaming de álbuns nos EUA. O álbum também resultou em turnês de shows na Europa e EUA, performances em diversos festivais de músicas e apresentações como atração de abertura nas turnês da cantora Katy Perry e da banda Coldplay, ambas em 2011.

Além de indicações em premiações musicais na Europa, *The Family Jewels* resultou à Marina no prêmio de segundo lugar na lista *Sounds of 2010*⁶ - pesquisa anual feita pela BBC, desde 2003, em parceria com críticos de música e personalidades da indústria e que reconhece artistas musicais em ascensão. Na época, a ascensão de *Marina and the Diamonds* chamou a atenção dos críticos musicais, positiva ou negativamente. A revista *NME*, por exemplo, definiu *The Family Jewels* como uma “mistura pop brilhante com uma beleza sombria, para uma estreia que deslumbra [tradução nossa]”⁷. Já o jornal *The Guardian* afirmou que “não há dúvidas que Marina Diamandis sabe escrever ótimas músicas pop. O problema está no resto do pacote [tradução nossa]”⁸.

Em sua versão *deluxe*, *The Family Jewels* (2010) possui quinze faixas originais e cinco remixes. Além da participação de Marina como produtora em algumas faixas e compositora em todas, o disco foi produzido e co-escrito por Ash Howes, Greg Kurstin, Liam Howe, Pascal Gabriel e Richard Stannard - profissionais conhecidos da indústria musical, com reconhecimento global e que já trabalharam com inúmeros artistas do cenário pop mundial e britânico. Neste trabalho, damos enfoque à análise de três faixas originais - *Are You Satisfied?*, *Hollywood* e *Oh No!* - a partir do elemento constitutivo “letra”.

No caso de *Are You Satisfied?* e *Hollywood*, ambas foram escritas, exclusivamente, por Marina. Já a canção *Oh No!* foi escrita pela artista em parceria com

⁶ BBC Sound of 2010: The longlist. BBC, Inglaterra, 7 de dezembro de 2009. Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/entertainment/8395789.stm>>. Acesso em: 23 de junho de 2025.

⁷ MACKAY, Emily. Album review: Marina And The Diamonds – ‘The Family Jewels’ (679). *NME*, Reino Unido, 22 de fevereiro de 2020. Disponível em: <<https://www.nme.com/reviews/reviews-marina-and-the-diamonds-11067-314555>>. Acesso em: 23 de junho de 2025.

⁸ PETRIDIS, Alex. Review: Marina and the Diamonds: The Family Jewels. *The Guardian*, Reino Unido, 18 de fevereiro de 2020. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/music/2010/feb/18/marina-and-the-diamonds-cd-review>>. Acesso em: 23 de junho de 2025.

um dos produtores do álbum, Greg Kurstin. A análise das canções a partir apenas de suas composições surge como uma proposta de investigar os ideais de autenticidade de Marina a partir de suas visões e experiências no mundo. Reconhecemos que a letra de uma canção é apenas um de seus vários elementos constitutivos, entretanto, também observamos que, ao escrever sobre si, Marina constrói sua imagem de autenticidade perante ao mundo e revela, mesmo que de forma performática, as suas intenções na indústria musical. Nesse sentido, ao nos depararmos com a letra das canções, encontramos uma das inúmeras possibilidades de análise do fenômeno proposto neste trabalho.

Autenticidade na música pop

O conceito de autenticidade possui grande valor simbólico ao longo da História. Nas discussões sobre música popular, a ideia é utilizada como “critério básico de avaliação nas discussões sobre os méritos e da natureza relativa de artistas e gêneros particulares” (Shuker, 1999, p. 28). Na música pop, o conceito de autenticidade é determinado por pensamentos binários, dicotômicos, opostos, que separam: o verdadeiro do falso; o original do falsificado; o sentimento da pretensão; o *mainstream* da subcultura; a arte da indústria; e por aí vai. Pensar que todos esses elementos não podem coexistir é um mito antigo no discurso da música popular, que continua a ser sustentado uma vez que produz lucros - sejam eles “[...] dinheiro, identidade e prestígio, ou uma crítica comum padrão” (Weinstein, 1999, p. 67-68, apud Anttonen, 2017, p. 30, tradução nossa).

Na música pop, os conceitos de autenticidade são discutidos por diversos pesquisadores e estão ligados: a) tanto às ações tomadas pelo artista b) quanto aos produtos culturais produzidos por ele. Neste artigo, nos limitamos aos trabalhos realizados por Weisethaunet e Lindberg (2010 apud Anttonen, 2017, p. 33-39) e Moore (2002 apud Anttonen, 2017, p. 33-39), uma vez que ambos sintetizam, pertinentemente, as demais pesquisas realizadas sobre o tema⁹.

⁹ Para mais pesquisas sobre o tema, ler Anttonen (2017). A autora traz mais conceitos sobre discursos de autenticidade abordados por pesquisadores como Fornäs (1995), Barker e Taylor (2007), Taylor (1997) e Keightley (2001).

Neste artigo, a ideia de autenticidade que destacamos é oriunda de um sujeito criativo. Como reiterado por Nelligan (2018, p. 49), neste caso, a autenticidade é evocada quando as barreiras entre *persona* (a “pessoa artista”), *person* (a “pessoa real”, que está por trás da “pessoa artista”) e *protagonista* (o eu narrativo da canção) são diluídas; a partir disso, os produtos culturais produzidos pela artista são um reflexo de quem ela é; consequentemente, ela é vista como alguém honesta e autêntica. Também temos a “autenticidade como auto expressão”, ideia trazida por Weisethaunet e Lindberg (2010 apud Anttonen, 2017, p. 34-35) para reiterar a noção do artista como gênio criativo; logo, ele é considerado autêntico quando é inovador, original etc. Nesse mesmo caminho, Moore (2002 apud Anttonen, 2017, p. 33-39) também traz o conceito de “autenticidade em primeira pessoa”, para definir quando o artista transmite a impressão de que seu discurso é uma tentativa de se comunicar de forma não mediada com o público.

Nesse sentido, entendemos que as ideias de autenticidade evocam diversas ações e identidades tomadas pelos artistas na música pop. Entretanto, não podemos deixar de visualizar a autenticidade como uma performance, como uma ação efêmera que ocorre no “aqui e agora” e que “aparece diante de circunstâncias enunciativas” (Janotti Júnior e Soares, 2014, p. 10). Além de seu caráter performativo, podemos ver a autenticidade como um efeito de sentido produzido a partir dos discursos e das ações da diva pop: seja através do canto, das sonoridades, das letras, da dança, da performance, do ato de tocar um instrumento; da sinceridade diante de mensagens proferidas ou de se mostrar politicamente comprometida através de sua arte. Logo, ao invés de nos perguntarmos o que é a autenticidade, é mais útil entender de que modo a autenticidade é evocada através dos discursos que as cantoras pop projetam de si.

Análise das letras

Em *Are You Satisfied*¹⁰, primeira canção do álbum, um dos primeiros questionamentos feitos por Marina é: *eu preciso mentir para construir o meu caminho*

¹⁰ Letra completa da canção *Are You Satisfied?* disponível em:
<<https://www.letras.mus.br/marina-and-the-diamonds/1638157/traducao.html#album:the-family-jewels-deluxe-2010>>. Acesso em: 23 de junho de 2025.

na vida?¹¹ [tradução livre]. *Você está satisfeito com um caminho fácil? / Depois que você cruzar a linha, você ficará satisfeito?*¹² [tradução livre]. As perguntas escritas por Marina questionam o ouvinte e a si própria, associando o “caminho fácil” à possibilidade de “ser o que as pessoas querem que você seja” e, assim, ser rapidamente bem-sucedida na indústria musical. Ao longo de toda a canção, a cantora se pergunta: ao escolher o “caminho fácil” - sem riscos e desafios - e alcançar o sucesso, a satisfação será genuína?

Em *Hollywood*¹³, sétima faixa do disco, Marina retoma as discussões realizadas em *Are You Satisfied?* acerca da indústria cultural. Ao retratar sobre sua obsessão com a “cultura pop má da América”, como ela mesmo descreve¹⁴, Marina busca construir uma crítica à indústria do entretenimento, à *Hollywood* e às falsas idealizações criadas em ambos os contextos. Frequentemente, *Hollywood* é retratada como um lugar de sonhos, beleza e oportunidades; entretanto, a cantora enfatiza como essas percepções são moldadas e totalmente irreais. *Um segurança gordo se exibindo para mim / Assim que eu pisei na velha LA / Ele disse: ‘Oh meu Deus, você se parece com a Shakira’ / ‘Não, não, você é Catherine Zeta!’ / Na verdade, meu nome é Marina*¹⁵.

Constantemente, as cantoras pop são comparadas umas com as outras (seja através da voz, dança, atuação, performance no palco etc.) e “ranqueadas”. Em entrevista à *Arte TV* em 2010¹⁶, Marina afirma: “[...] eu queria fazer parte da cultura pop, mas isso não significa ser igual às pessoas da cultura pop, [...] especialmente sendo uma artista feminina, porque esperam que você seja ou aja de alguma forma específica - e eu não acredito nisso”. Nesse sentido, durante *Hollywood*, Marina expõe sua decisão de não ceder às intenções ideológicas e mercadológicas das instituições do mercado musical e de seguir no “caminho errado”.

¹¹ No verso original: *Do I need to lie to make my way in life?*

¹² Nos versos originais: *Are you satisfied with an easy ride? / Once you cross the line, will you be satisfied?*

¹³ Letra completa da canção *Hollywood* disponível em:

<<https://www.letras.mus.br/marina-and-the-diamonds/album:188045:7/#album:the-family-jewels-deluxe-2010>>.

Acesso em: 23 de junho de 2025.

¹⁴ DIU, Nisha. 'I'm Marina, You're the Diamonds'. The Telegraph, Reino Unido, 20 de janeiro de 2011. Disponível em: <<https://www.telegraph.co.uk/culture/music/8260821/Im-Marina-Youre-the-Diamonds.html>>. Acesso em: 23 de junho de 2025.

¹⁵ Nos versos originais: *A fat security making place for me / Soon as I touch down in old LA / He said: “Oh, my God, you look just like Shakira” / “No, no, you're Catherine Zeta!” / Actually, my name's Marina.*

¹⁶ (HD) Marina and the Diamonds - Interview (ARTE TV at SWR3 Festival 23/09/2010). Arte TV, França, 23 de setembro de 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Tt9FOp0CeW4>>. Acesso em: 23 de junho de 2025.

*Não preciso de dinheiro / Não preciso de fama / Eu só quero fazer uma mudança*¹⁷ [tradução livre]: esses são alguns dos versos evocados em *Oh No!*¹⁸, canção em que Marina deixa claro seus objetivos como artista. Em entrevista ao *New York Post* em 2010¹⁹, a cantora afirma: “[...] o pop é sobre ilusão e perfeição e isso não faz ninguém se sentir bem. [...] Eu quero [escrever] letras que signifiquem alguma coisa, [...] a música pop não precisa ser genérica ou não ter um intelecto”. Justificativas similares aparecem em *Oh No!*, uma vez que Marina faz questão de insistir no que acredita e na construção de uma personalidade artística autêntica: *Eu sei exatamente o que eu quero e quem eu quero ser*²⁰ [tradução livre].

Nas três canções, vemos o esforço de Marina em construir-se como um indivíduo autêntico, ao mesmo tempo em que, muitas vezes, essa autenticidade não é reconhecida e/ou validada pela indústria fonográfica. Também é importante destacar que as composições remetem às concepções clássicas acerca da música pop, identificando o pop como naturalmente carente de autenticidade. Logo, ao mesmo tempo que Marina consome os produtos da cultura pop e quer fazer parte desta como artista, ela também vivencia esse espaço como um sujeito crítico. Logo, a relação dissidente de Marina com o pop influencia os multifacetados discursos de autenticidade construídos pela cantora em seu primeiro disco. Mostrar-se como uma artista autêntica também é a forma que a cantora encontra de demonstrar sua inconformidade com as intenções ideológicas e mercadológicas das instituições do mercado musical e de reiterar os conflitos e as tensões existentes entre os artistas/ouvintes e a indústria fonográfica.

Sendo assim, concluímos que, através destas suas composições, Marina Diamandis constrói sua imagem de autenticidade a partir de discursos que evocam a imagem de uma artista singular e criativa, através da exposição de seus sentimentos, dos seus desejos e dos problemas que a cantora experimenta em sua vida. Logo, podemos analisar as composições da cantora como uma forma de relatar sobre si, de se

¹⁷ Nos versos originais: *Don't need money, don't need fame / I just want to make a change.*

¹⁸ Letra completa da canção *Oh No!* disponível em:

<<https://www.letras.mus.br/marina-and-the-diamonds/1640140/#album:the-family-jewels-deluxe-2010>>. Acesso em: 23 de junho de 2025.

¹⁹ Diamond In The Rough - New York Post. New York Post, 17 de março de 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YRnjiVuVn9Y>>. Acesso em: 23 de junho de 2025.

²⁰ Nos versos originais: *I know exactly what I want and who I want to be / I know exactly why I walk and talk like a machine.*

diferenciar dentro de um contexto musical que a artista enxerga ser superficial e pouco verdadeiro e, assim, mostrar-se como uma artista relevante.

Considerações finais

Após análise de três canções presentes no disco *The Family Jewels* (2010), fica claro o esforço de Marina em criar algo similar ao que foi apontado por Vieira (2019, p. 54), durante estudo sobre a cantora Lana Del Rey: “[...] uma estética comunicacional que se pauta pela condenação de qualquer aceitação – mínima ou total – ao sistema vigente. E que, paradoxalmente, emancipa-se dentro dele”. No caso de Marina, vemos uma cantora pop que tenta se rebelar contra as amarras criadas pela indústria da música pop. Ao mesmo tempo, é na indústria da música pop que Marina é aceita e constrói toda a sua narrativa de autenticidade. Sendo assim, como enunciado por Vieira (2019, p. 183), estamos diante de uma emancipação através de caminhos mercadológicos, expondo as contradições presentes na narrativa pop que expõe seu “desejo de emancipação”, ao mesmo tempo que é “aprisionado pelas rédeas do mercado, que podem, até mesmo, promover essa emancipação”.

Em seu disco de estreia, Marina reivindica várias narrativas de autenticidade, afinal, é esse o momento em que ela se apresenta à crítica musical, ao mercado e aos ouvintes. Neste primeiro encontro, é essa a designação que Marina quer para si: uma artista que não tem medo de expressar a si mesma através de sua música, que não tem receio de “ser autêntica” dentro da máquina conhecida como música pop. Diante dessas reflexões, é importante destacar que essa qualidade de sinceridade e comprometimento, gerada a partir da ideia do artista estar dizendo o que ele quer dizer através de sua performance, faz parte de convenções sonoras específicas de cada gênero (Frith, 1998, p. 71, apud Rolim, 2017, p. 7).

No caso da música pop, a partir da análise de Marina e já pensando em outros nomes de cantoras pop lidas como autênticas - como Madonna, Bjork, Lorde, Fiona Apple etc. - podemos pensar que a ideia de verdade e comprometimento surgem, justamente, quando as artistas promovem enunciados emancipatórios ou rebeldes contra o que é pregado pelo mercado da música pop: “[...] um corpo em ação gerando uma camada sensível sobre a qual repousam crenças” (Janotti Júnior e Soares, 2014, p. 10).

Aqui, podemos considerar desde os elementos constitutivos de canções (letra, música e voz), videocliques, até inúmeros outros traços materiais como autênticos - gestos, cantos, danças e assim por diante (Rolim, 2017, p. 7).

Neste contexto, é importante destacar que as cantoras femininas enfrentam narrativas de autenticidade ainda mais intensas e complexas. É sabido que o mercado fonográfico tem um histórico de exercer controle sobre a imagem e a carreira das cantoras e divas pop; muitas vezes, elas são moldadas para atender as expectativas comerciais e, assim, a sua identidade pessoal é separada da sua identidade como artista, gerando a percepção de ausência de autenticidade. Logo, entendemos que a cobrança por autenticidade entre cantoras pop envolve pressões da indústria, expectativas do público e os desafios específicos de gênero.

Ao falar sobre autenticidade na música pop, precisamos olhar de forma crítica e profunda e entender que não estamos falando de algo genuíno, muito menos simples. Constantemente, o mercado musical cria demandas por discursos de autenticidade, impulsionando a manifestação constante de artistas e canções “autênticas”. Essa idealização de artistas como figuras genuínas e verdadeiras, cujos produtos são vistos como expressões sinceras de suas experiências e emoções pessoais, impulsiona e valoriza o mercado fonográfico. Logo, podemos considerar que a narrativa de autenticidade é uma força poderosa na música pop, que beneficia consumidores e, principalmente, os artistas e as instituições do mercado musical.

Referências:

ANTTONEN, S. **A feel for the real:** discourses of authenticity in popular music cultures through three case studies. 2017. 79 p. (Dissertação em Educação, Ciências Humanas e Teologia) - University of Eastern Finland, Joensuu, 2017.

JANOTTI JÚNIOR, J.; SOARES, T. O videoclipe como extensão da canção: apontamentos para análise. **Galáxia**, São Paulo, p. 91-108, 15 de junho de 2008. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1497/969>>. Acesso em: 23 de junho de 2025.

NELLIGAN, K. **The Question of Authenticity in Pop Music:** “Brand Lady Gaga”. 2018. 219 f. (Tese em Filosofia) - Faculty of the Fine Arts and Music, University of Melbourne, Melbourne, 2018.

ROLIM, M. A. “The Realest”?: Iggy Azalea e a performance de uma autenticidade pop-rap em “Fancy”. In: **Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação**, 40, 2017, Curitiba,

SHUKER, R. Conceitos-chave. In: SHUKER, Roy. **Vocabulário de música pop**. 1. ed. São Paulo: Hedra, 1999. p. 14 - 294.

SOARES, T. **A construção imagética dos videocliques**: canção, gêneros e performance na análise de audiovisuais da cultura midiática. 2009. 302 f. (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea) – Programa de Pós Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SOARES, T. Cultura pop: interfaces teóricas, abordagens possíveis. In: **Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação** (Intercom), 35, 2013, Manaus. Anais Eletrônicos. Disponível em:
<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0108-1.pdf>>. Acesso em: 23 de junho de 2025.

SOARES, T. Não sou autêntico mas você também não é: Britney Spears, Justin Bieber, Lana Del Rey e os valores na música pop. In: **Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação**, 35, 2012, Manaus.

VIEIRA, W. D. **Entre a depressão e a rebeldia, o corpo melancólico**: espectro, legitimação e estética comunicacional nos videocliques de Lana Del Rey. 2019. 232 f. (Dissertação em Comunicação e Temporalidades) - . Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2019.